

Afif, a esperança da vidente

Arquivo 3.10.89

Quando a campanha eleitoral foi iniciada no rádio e na televisão, em setembro, o candidato do PL, Guilherme Afif, tentou demonstrar que, ele sim, tinha autenticidade para empunhar as bandeiras de moralização e de constatação das mazelas do Estado, que desde o início do ano vinham sendo conduzidas pelo candidato do PRN, Fernando Collor de Mello.



Auto-suficiente, acreditando que dominava como poucos as técnicas de convencimento do eleitor através da televisão — mesmo que algumas vezes usasse um tom excessivamente empossado — Afif deixou-se também embalar pela previsão da vidente mineira Neila Alkimin, que lhe assegurava a vitória, com base numa “conversa” que manteve com o falecido presidente Juscelino Kubitschek.

Embora espiritualista, o candidato do PSDB, Mario Covas, não se deixou impressionar pela visão de dona Neila e, no segundo debate dos presidenciais, na TV Bandeirantes, castigou impiedosamente o candidato do PL, com a acusação de haver sido um dos grandes ausentes da Constituinte, engrossando, com isso, a bateria de críticas que já vi-

nha sendo desferida contra Afif por Lula, Collor e Brizola.

Ardoroso defensor do liberalismo econômico, Afif votou, na Constituinte, contra todas as propostas que, na avaliação do movimento sindical, eram de interesse dos trabalhadores, recebendo, por isso, nota zero do DIAP — Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar. O candidato se defende afirmando que, se esteve ausente à maioria das votações do segundo turno, em plenário, teve, em compensação, intensa participação nas comissões temáticas e conseguiu ver aprovadas 36 das mais de 100 emendas por ele apresentadas.

Declínio — Antes de entrar em declínio, debilitado pelas acusações dos adversários, Afif chegou a ser encarado, no início de outubro, como forte concorrente a uma vaga no segundo turno, mas agora essa é um hipótese afastada por quase todos os analistas. Em 1990 deverá candidatar-se ao governo de São Paulo, concorrendo, entre outros, com o pedessista Paulo Maluf, em cujo governo iniciou-se na vida pública, primeiro como presidente do Banco do Desenvolvimento do Estado de São Paulo e depois como Secretário da Agricultura e do Abastecimento. Entre 1982 e 1987 presidiu a Associação Comercial de São Paulo, onde construiu sólida base política, responsável por uma extraordinária votação para a Constituinte — 508 mil votos, abaixo apenas dos 651 mil de Lula e dos 590 mil de Ulysses.

480